

**SOBRE OS GREGOS OU O QUE
PODERÍAMOS TER SIDO**

Luís-Cláudio Ribeiro

E se não regressássemos a Ítaca? Se Ulisses e os seus tivessem ficado presos na voz das que conhecem tudo o que acontece na terra? Tudo teria sido diferente. Não parou o herói para ouvir, já que Ítaca era o destino. Na doçura das sereias existe quase sempre o amargo do mundo. E este amargo está desde sempre junto de uma existência que se quer errante, contrária ao querer do herói dos Aqueus.

Se tivesse(mos) parado para escutar, teria sido outro o poema e o que lhe sobreveio, já que esse som, que também pode ser ruído, contamina o futuro com o relato e o explícito. Ulisses, a conselho dos deuses, desprezou a possibilidade de ser outro, de errar por mais vinte anos sobre o mar inabitado e desconhecido. Preferiu o trabalho e os dias a ocupar o presente sem verbos com futuro. Preferiu-se o destino a ser-se continuamente estranho, mesmo no próprio canto que se tornou pobre no escasso desvario dos sentidos.

Razão tinha Sólon, esse poderoso sábio grego, ao dizer que nenhum feliz (também Sófocles no Rei Édipo dirá o mesmo) encontrava entre «os mortais que o sol do alto contempla». E, aos poucos, a morte, de natural (explícita no dizer de Xenófanes: «tudo nasce da terra, tudo na terra termina»), tornou-se no oposto da graça. Foi tempo de florescer o cardo como Alceu (de Lesbos) tão bem notou na tentativa de representação de uma outra natureza. Assim sendo, por que esperar pelo amanhã? «O dia tem a extensão de um dedo», não aspire por isso a uma vida eterna mas esgota o que é possível (e Píndaro sabia o que dizia, pois de Tebas era).

Fende-se a língua mesmo nas histórias mais antigas. Mesmo nos equívocos: quem soçobrou no mar depois do amor ter levado Safo à rocha de Lêucade? Quem se avista ainda tocando a harpa enquanto entardece? É sempre dupla a condição; são sempre díspares os pontos de vista. Não se pode cobrir o mar com uma história; não se pode cobrir com uma mão como se fosse o rosto. Mas dizem-me as línguas que deus pode. Mas deus é «uma virgem imortal», transparente. Assim quis dizer Orfeu. E assim se torna eterno o seu nome. No Nome que tudo une, mesmo a palavra, o ruído e o som.

O nome dele é um ouvido. O que foi partilhado por Ulisses e não pelos seus marinheiros já que foram ensurdecidos pela cera quando passavam ao largo das sereias, ficando apenas com o brilho e a história. Foi destas substâncias a linearidade que ficou.

Mesmo que os trágicos trouxessem para o palco a mesma história de sempre, os humanos já há muito tinham desistido de entender. Daí o lamento de Dánae: «se para ti terrível fosse/ o que é terrível, então/ já terias prestado ouvido atento/ às minhas palavras».

Quem o escreve é Simónides de Ceos, esse que pertencia à corte de Pisistrátidas, rei próximo de Atenas.

Esta noite antiquíssima ainda ferve nos dedos. Brillante. Noite de Parménides sobre a terra. Este que foi mestre de Zenão (o das setas) e do princípio que Descartes imortalizou mais tarde: «pensar é o mesmo que existir». Como sabiam eles tanto, numa língua tão nova, e nós tão pouco? Nós que somos de muitas línguas!

«Troia está hoje em poder dos Aqueus». É uma cidade nova levantada sobre outra antiga. Ésquilo ouve-lhe os gritos. Vê-se o sangue a escorrer para além das muralhas até à praia onde ainda jazem soldados de um e de outro lado. Tudo adormeceu menos os mortos que esperam o tempo (e que pode ser hoje) em que algo inesperado desperte o seu sofrimento. Descuidados, cansados sob a carne, os Aqueus descansam. Desconhecem o desejo que lhes sobrevém. Troia foi tomada pelo erro e pela beleza. E foi esta que contaminou as muralhas e o que lhes ficava longe, precisamente do outro lado do mar. Depois das ilhas que um deus ignoto semeou.

Mesmo os deuses no leito do homem não fazem mais do que cumprir aquilo para que se pensaram: a ausência. Caímos de pé como qualquer animal e por isso devemos esquecer-los, como as mulheres se esqueciam dos guerreiros que na noite anterior à batalha dormiam cordeiros a seu lado.

Andam a descobrir a nossa salvação. Que origem tem o frémito que corre no coração do poder? Prometeu? Não é certamente o amor. Esse de Antígona que se opõe ao ódio, embora hoje não faça sentido esta oposição. Mas fazia então, já que Antígona, que amava em cada um o resto de humanidade que trazemos, caminha viva para a «morada cavada na terra» (o sepulcro, essa palavra doida de martírio), lembrando apenas o que não teve tempo para gozar.

Andam no ar das ruas as palavras de Alceste que Eurípedes fixou: queria noiva bela para o filho e marido nobre para a menina. Foi isto que pediu a Héstia. E depois chorou na colcha da cama onde outra provavelmente se iria deitar. Estava cego Admeto, seu primo e marido. Mas tudo mudou quando a Morte se afastou já que os deuses sabiam que Alceste não se podia sacrificar para o bem de Admeto.

Vieram de longe até às palavras. Histórias antigas que há muito habitavam as pedras e a água e quiseram ter um rosto humano. Para se salvarem do esquecimento que a escrita impõe. Mas também para se salvarem do indivíduo e poderem ser partilhadas pelo outro que em afeição é idêntico. O olhar e o beijo são para sempre a lembrança de um, levada a muitos pela poesia.

Tem que vir a lei depois da violência, dizia Crítias, esse que nos dizem ter ouvido as palavras de Sócrates e depois se tornou um dos trinta tiranos encarregues por Esparta de governar Atenas, a luminosa; morto pela democracia que sempre confunde os tempos ou não entende o caminhar da liberdade e muito menos o Desejo, de Eros, donde nascem sempre novas raças.

Nota: faz-se uso da tradução de Albano Martins (*Antologia da Poesia Grega Clássica*, Portugália Editora, Lisboa, 2009)